

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

Maíra Callegaro Velho

DO PARASITISMO À SIMBIOSE
encontros e atravessamentos entre arte e ecologia

Santa Maria, RS
2019

Maíra Callegaro Velho

DO PARASITISMO À SIMBIOSE
encontros e atravessamentos entre arte e ecologia

Monografia Apresentada ao Curso de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do **Grau de Bacharel em Artes Visuais**

Orientadora: Prof^a M^a. Suzana Terezinha Gruber Vaz (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Graduação**

**DO PARASITISMO À SIMBIOSE
encontros e atravessamentos entre arte e ecologia**

**ELABORADA POR
Maíra Callegaro Velho**

COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
Bacharel em Artes Visuais

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Profª Mª. Suzana Terezinha Gruber Vaz (UFSM)
(Orientadora)**

Profª Drª. Helga Corrêa (UFSM)

Profª. Mª. Lusa Rosangela Lopes Aquistapasse (UFSM)

Santa Maria, 05 de dezembro de 2019.

Resumo

DO PARASITISMO À SIMBIOSE

encontros e atravessamentos entre arte e ecologia

Autor: Maíra Callegaro Velho

Orientadora: Prof^a M^a. Suzana Terezinha Gruber Vaz (UFSM)

O estudo se dá em torno da possibilidade de produzir uma poética visual baseada em conceitos biológicos, ecossistemas e relações ecológicas, a fim de ressignificá-los, buscando adaptações, contaminações e invasões entre formas de pensar, e refletir sobre possíveis experimentações com a natureza. É importante ressaltar que este, não tem a pretensão de seguir fielmente as regras empregadas dentro das classificações ou nomenclaturas biológicas, mas sim a finalidade de aproximar esses conceitos às nossas próprias relações e modelos sociais, a partir da produção em artes visuais e o debate sobre ecologia. A arte enquanto organismo também interfere e sofre interferência, a partir da aproximação entre meio ambiente e cultura, a começar, em como os sujeitos interagem entre si e com o meio. A pesquisa associada a conceitos biológicos/científicos é atribuída ao reino dos fungos, suas funções na natureza e relações que estes estabelecem, transitando entre o parasitismo e a simbiose, possibilitando interlocuções de nossas próprias experiências, do ambiente em que estamos inseridos e do fazer artístico. O trabalho ocorre através da intervenção no espaço, por intermédio da instalação, tendo como suporte objetos afetivos, que são as gavetas. E com base nisso tudo, promove discussões não só em torno das relações ecológicas, como também das nossas relações. Até onde vão os limites entre o parasitismo e a simbiose? Quem parasita?

Palavras Chaves: Simbiose, parasitismo, fungos, arte, ecologia, gavetas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A EXPECTATIVA	7
2 OS PRECEDENTES	8
3 O MARCO TEÓRICO	9
3.1 As Gavetas: objeto, espaço e instalação	9
3.2 A relação Arte e Ecologia	12
3.3 As Contribuições ecológicas: do parasitismo à simbiose	13
4 TRAJETOS, PERCURSOS E PROCESSO	16
5 O FECHAMENTO	32
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

No decorrer do curso de Artes Visuais, Bacharelado em Desenho e Plástica, mais especificamente no Ateliê de Desenho 1339, passei a ampliar minhas reflexões e tentar construir significados a algumas indagações que permeiam minha vida. Meu trabalho sempre esteve relacionado às questões humanas, seus aspectos sociais e as relações que estabelecemos com ambiente e com os outros indivíduos, que posteriormente vou entender como ecologia.

Um elemento que se fez muito presente da minha produção visual, foram os fungos. A partir deles, comecei a pensar sobre as relações ecológicas e seus desdobramentos, surgindo assim *encontros e atravessamentos entre arte e ecologia*. Baseada nisso começo a promover discussões e dar novos sentidos a conceitos como o parasitismo e a simbiose, disposta a transitar por outros espaços e desenvolver meios de pensar e experimentar arte, juntando a algumas memórias de infância, representadas pelas gavetas (objetos que serviram de suporte para as minhas primeiras experimentações através do desenho, quando criança) pensando uma construção estética e conceitual, a partir desses objetos, integrada com o restante da pesquisa.

1 A EXPECTATIVA

Proponho uma produção visual, alinhada com as questões e problemáticas ecológicas através do debate entre arte e ecologia, instigando o espectador a pensar e construir suas próprias analogias a partir dos conceitos de parasitismo e simbiose. Nesse sentido a arte como manifestação, seja de ordem estética ou comunicativa, exerce o papel de questionar ações e comportamentos dentro da esfera ecológica.

A intenção é que a obra possa impulsionar os processos de percepção e sensibilidade, transmitindo entre emoções e ideais e ainda confrontar o espectador, dando visibilidade a temas que muitas vezes são abordados por uma perspectiva distanciada. Que essas ações e discussões entre arte / ecologia propiciem contribuições para ambas as áreas.

Desenvolverei uma produção prática dentro das linguagens de interesse, como o desenho, gravura, livro de artista e objeto arte, através da experimentação de técnicas, materiais e processo. Com isso compor uma intervenção/instalação no espaço, usando como suporte gavetas, pensada dentro dos conceitos de ecossistemas e relações ecológicas. Construir um diálogo, sobre as mudanças cultural e social e nossa relação com o meio.

O projeto objetiva ainda influenciar, a partir de provocações mudanças de pensamentos e ideias a longo prazo, melhorar o entendimento em torno de graves mudanças sofridas pelo planeta, apoiando a aproximação do círculo técnico/científico e a competência transformadora da arte.

Articular a interlocução entre áreas do conhecimento, para direcionar a produção visual dentro da perspectiva da arte contemporânea e multidisciplinariedade completam as intenções do trabalho artístico.

2 OS PRECEDENTES

De fato, muitas questões da nossa infância retomam na vida adulta. Ter vivido na zona rural boa parte da minha vida fez com que eu desenvolvesse grande afeição pela natureza e as vidas que ali habitam. Esse tema sempre foi recorrente na minha produção visual por mais que nem sempre tivesse a clareza sobre o que se tratava ou como tratá-lo, mas com o passar desses quatro anos de graduação fui tendo o entendimento que constantemente estive tratando de questões ecológicas, mesmo que inconscientemente.

É claro que não só o meio interfere no que somos, mas também as pessoas. Meus pais sempre nos estimularam criativamente. Passávamos muito tempo costurando, bordando, pintando com nossa mãe ou construindo coisas com o pai na marcenaria. Durante minha infância costumava desenhar muito e em um desses episódios resolvi “ensinar” a minha irmã a desenhar grandes orelhas de coelho na parede e pedi para que chamasse nossa mãe para ver a façanha, enquanto ficava escondida assistindo o desfecho da história. Óbvio, não saímos impunes e foi estritamente proibido desenhar nas paredes. O veredito final, por sua vez não nos abalou, pois continuamos rabiscando por aí, só que escondido dentro das gavetas e embaixo dos móveis.

Penso que as nossas vivências nos fazem o que somos e interferem diretamente nas nossas produções. Não é à toa que as gavetas assim como as experiências com a natureza, hoje dizem muito a respeito do meu trabalho, justamente porque ser artista tem a ver com a capacidade de reconhecer/estabelecer conexões invisíveis entre as coisas.

3 O MARCO TEÓRICO

3.1 As Gavetas: objeto, espaço e instalação

Na contemporaneidade convivemos com linguagens desde as mais tradicionais como a pintura, escultura, arquitetura e gravura até as mais recentes como a fotografia, cinema, vídeos, instalações e ainda os computadores como suporte para tantas outras manifestações artísticas.

Nos anos 60 e 70, os artistas questionaram os suportes tradicionais da arte e produziram trabalhos que posteriormente passaram a ser considerados como instalação. Estes trabalhos possuíam em comum a intenção de questionar a arte em suas modalidades convencionais e apropriação de espaços, apoiando-se na Arte Conceitual. A transformação do objeto em instalação, quer dizer, a trajetória do objeto artístico até a instalação tem exemplos pioneiros como Duchamp e os ambientes surrealistas.

A instalação, enquanto poética permite uma gama enorme de suportes. Esta liberdade de formatos e meios, faz com que ela componha muito bem a produção contemporânea, que se caracteriza justamente, por questionar seu próprio espaço e tempo.

Diversos artistas encontraram em objetos e espaços cotidianos como na casa o conteúdo plástico moldável às experimentações artísticas, através da exploração espacial e temporal. No Brasil as experiências pioneiras na discussão do espaço como experiência vivenciada começa nos anos 60 com obras como Ovos (1963), de Lygia Pape (1929-2004), A Casa é o Corpo – Penetração, ovulação, germinação, expulsão (1968), de Lygia Clark (1920-1988), os Ninhos (1969), de Hélio Oiticica (1937-1980), e Playground (1969), de Nelson Leirner.

Essas discussões sobre espaço aconteceram também na esfera filosófica, como, por exemplo, com Gaston Bachelard em *A poética do espaço*, 1957, onde ele introduz uma nova reflexão, a partir de uma investigação ontológica da casa, tendo como premissa que ela é aquilo que ser humano constrói como meio de “estar” no mundo. Trata das relações entre espaço e inconsciente através da interpretação da realidade, indo da noção de felicidade às memórias de infância.

Para o autor nossa alma é uma morada e quando nos lembramos da nossa “casa”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Também existe a casa das coisas, dos objetos e das intimidades. Essa casa, é simbolizada pelas

“gavetas, os cofres e os armários”, não se esquecendo de que “a imaginação aumenta os valores da realidade” porque de dentro de uma gaveta, de um cofre ou armário, podem sair mais que objetos guardados e coisas esquecidas dentro deles; podem sair sonhos, memórias, abstrações. Na poética do espaço, o mundo exterior é o mundo da casa para o mundo interior da gaveta, que, se abre utilizando uma fechadura. É um mundo que desvela outro mundo, o mundo interior do sujeito.

Este mundo interior da gaveta e/ou dos guardados é encontrado presente nas pesquisas de inúmeros artistas como Anna Bella Geiger com a obra “Gavetas de Memórias”, onde ela cria mapas e cartografias, com cera de abelha derretida, instalados em gavetas e propondo reflexões sobre questões sociais, políticas e ideológicas (figura 1).

Figura 1 - Anna Bella Geiger - Orbis Descriptio com Turbulência e Seis Anjos



Fonte: SEABRA, Rubber.

E Hiroko Kono, com “Sobre memórias IV”, na qual faz uma gigantesca instalação incorporando móveis antigos, gaveta, prateleira, livros, etc (figura 2). Quando você olha para obra, percebe rapidamente uma gigante montanha de coisas, mas quando olha mais atentamente percebe todos os detalhes desaparecidos e as histórias veladas no meio dos acúmulos.

Figura 2 - Hiroko Kono - Sobre memórias IV



Fonte: hirokouno.com

3.2 A relação Arte e Ecologia

Quando se fala da relação arte e ecologia na atualidade, necessariamente se recorre ao contexto de reflexões e investigações configuradas a partir da *Land Art* norte-americana dos anos 60 e suas derivações posteriores. Porém, o autor José Abelda (2015) vai tratar da conceitualização histórica, como ele mesmo diz de “grosso modo”, podendo-se falar de quatro concepções. A primeira da Idade Antiga ao Renascimento, em que a natureza era contemplativa e representava a criação divina, como expressão do criador, mas não tendo valor por si mesma. A segunda, do Renascimento para Romantismo, se centraliza na ideia da natureza como cenografia e se dá conforme os temas culturalmente relevantes, incorporada nas paisagens. Nessa concepção se contempla a ideia espacial de natureza, passando da função de fundo para figuras até adquirir autonomia temática com o início do gênero de paisagem.

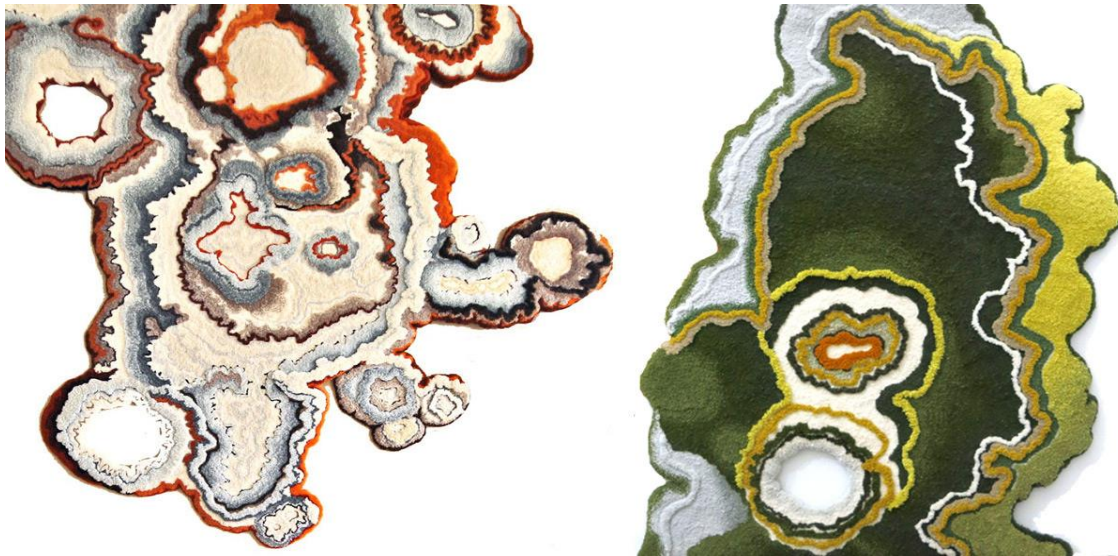
Dando um salto temporal chegamos à terceira, a partir dos anos 60, que não tem a ver com a “expressão do criador”, nem com a função cenográfica, se trata da aproximação física da ideia de natureza, considerada essencialmente como território e materialidade. Torna-se espaço sensível, suscetível a ser percorrido, interferido e modificado.

A quarta concepção corresponde à arte vinculada à natureza entendida como ecologia. Sintetizando em poucas palavras a natureza transitou pela ideia de reflexo da criação, cenografia, para concretizar-se como matéria e finalmente converter-se no quase-sujeito, destacando a importância da sua estrutura e processos interativos.

A ecologia tem se tornado cada vez mais alvo de debate e tema recorrente em diversos âmbitos inclusive nas artes visuais, reflexo de um novo mundo e suas mudanças, como o desmatamento, aumento de epidemias, poluição, aquecimento global, esgotamento de espécies, novas tecnologias genéticas, novas e velhas doenças. Isso invoca uma responsabilidade que demanda também da arte a função de questionar as questões da natureza, tendo em vista o movimento cultural global que expandiu o papel da arte e dos artistas em nossa sociedade.

Como apresentado, diversos artistas ao longo da história da arte têm trabalhado com essas questões ecológicas, que partem de uma interação muito próxima entre arte e natureza. Um exemplo contemporâneo é a artista holandesa Lizan Freijsen que cria tapeçarias com referência nas tão indesejadas manchas de umidades e fungos (figura 3). Ela transforma esses “parasitas” decompositores em obras de artes e os insere novamente nos espaços, sugerindo novas formas estéticas.

Figura 3 – Tapeçaria, Lizan Freijsen



Fonte: lizanfreijsen.com

Essas relações íntimas são temas recorrentes mesmo em grandes eventos de arte, como na Bienal de São Paulo, que em sua 33ª edição chamada “Afinidades afetivas”, traz artistas que trabalham justamente com essa experiência com natureza que nos rodeia, e da qual inevitavelmente somos parte, como o artista Antonio Ballester Moreno com a obra "Vivan los campos libres" (figura 4).

Figura 4 - "Vivan los campos libres" de Antonio Ballesteros Moreno.



Fonte: MONSALVE, Yasmin.

3.3 As Contribuições ecológicas: do parasitismo à simbiose

Pode-se dizer que as primeiras obras, especificamente voltadas para a denúncia de destruições da natureza surgem apenas na década de 60. A partir dos primeiros desastres ambientais – decorrentes de explorações e uso indiscriminado de recursos naturais, emerge a ecologia como movimento propriamente político.

As décadas seguintes são marcadas por questionamentos de comportamentos e hábitos vigentes, estendendo-se às relações humanas até a relação entre estes e seu meio natural. O auge disso se dá com a criação de movimentos de alcance mundial como o Greenpeace. Tornou-se bastante claro que o ser humano havia se tornado uma ameaça para o meio-ambiente e, conseqüentemente, para si mesmo. Contudo, os primeiros defensores da natureza colocaram o foco apenas em preocupações ligadas à conservação do meio ambiente que tivessem diretamente ligadas a si.

Nesse contexto, temos duas importantes contribuições recentes, para repensarmos os problemas ecológicos de uma forma mais ampla. São essas *As Três Ecologias* (1989), de Félix Guattari, e *O Contrato Natural* (1990) de Michel Serres.

Enquanto a primeira obra, indica uma reestruturação das práticas sociais e estéticas, com base em como o sujeito interage entre si e com o meio, entendendo ambos como parte de um mesmo ecossistema, o segundo livro, de autoria de Serres, sugere um contrato implícito entre cada ser vivo e a natureza. Esse contrato é um pacto de equilíbrio e sustentabilidade que inclui a natureza, como sujeito de direito. Propõe que passemos do parasitismo à simbiose.

A contribuição que decorre dessas duas obras é a inserção da questão ambiental num contexto muito mais amplo, pois, afinal, “a deterioração dos ecossistemas vai de par com a deterioração de modos de vida individuais e coletivos” (GUATTARI, 1990); por outro lado, Serres obriga a repensar nossas condutas com o planeta de forma mais ética para que assim possa continuar a ser habitável, e consigamos estabelecer uma relação simbiótica. Ambos os autores apresentavam sua preocupação com o rumo que o agir humano vinha tomar.

Guattari, faz suas articulações, através de compreensão mais ampla do que vem ser nossas “casas” ou “moradas” (uma ecosofia), a partir de três domínios: ecologia ambiental, social e mental. E Serres a partir da compreensão do nosso universo descentrado e em rede, trata das noções de parasitismo e simbiose, a partir da relação com a natureza, cenário da vida e das ações sociais.

Os parasitas são seres que agenciam encontros e relações, desenvolvendo o poder de reverter quase todo o mecanismo a seu favor para produzir novas experiências para si. Então, para que possamos passar do parasitismo à simbiose, Serres entende que para suprimir integralmente o “mal”, é melhor saber lidar com sua presença. Assim como, acontece na medicina ou na biologia, onde em vez de erradicar os parasitas ou as células malignas, a terapêutica tenta encontrar técnicas de simbiose para salvar o doente. A simbiose, por sua vez, é uma vida baseada em relações reciprocamente proveitosas, em que todos se beneficiam. É uma associação entre vários seres vivos que lhes permitem satisfazer às suas necessidades respectivas, sem prejudicar os outros.

Logo, os dois acreditam, que a saída da crise ecológica seria novas práticas sociais, ou seja, relações mais justas entre si e com o outro, em defesa do bem comum.

4 TRAJETOS, PERCURSOS E PROCESSO

Esse tópico será destinado para relatar um pouco da minha trajetória dentro do ateliê de desenho, 1339 também conhecido como “Toca da Onça” e demais ateliês de apoios, até o presente momento e as pretensões com o trabalho de conclusão de curso.

Quando ingressei no primeiro semestre orientado em 2016, acabei passando por uma reprovação, que ao mesmo tempo que me deixou um tanto frustrada, também me motivou a repensar a minha produção e dar outros direcionamentos ao meu trabalho. Naquele semestre em que estava repetindo comecei a xerocar meus desenhos anteriores e construir novas composições a partir deles. Iniciei uma sequência de investigações (figura 5), desconfigurando tudo que vinha produzindo, junto com as propostas da professora Suzana Gruber e trocas de ideia dentro do ateliê.

Figura 5 – Trabalhos produzidos a partir de xerox e colagem



Fonte: Arquivo pessoal

Em uma das propostas dadas a professora sugeri que produzíssemos uma série fotográfica, na qual deveríamos representar nosso trabalho de outras maneiras. Nessa ocasião produzi fotografias de líquens, plantas e alimentos mofados (figura 6), que serviram de referência para uma série de pinturas.

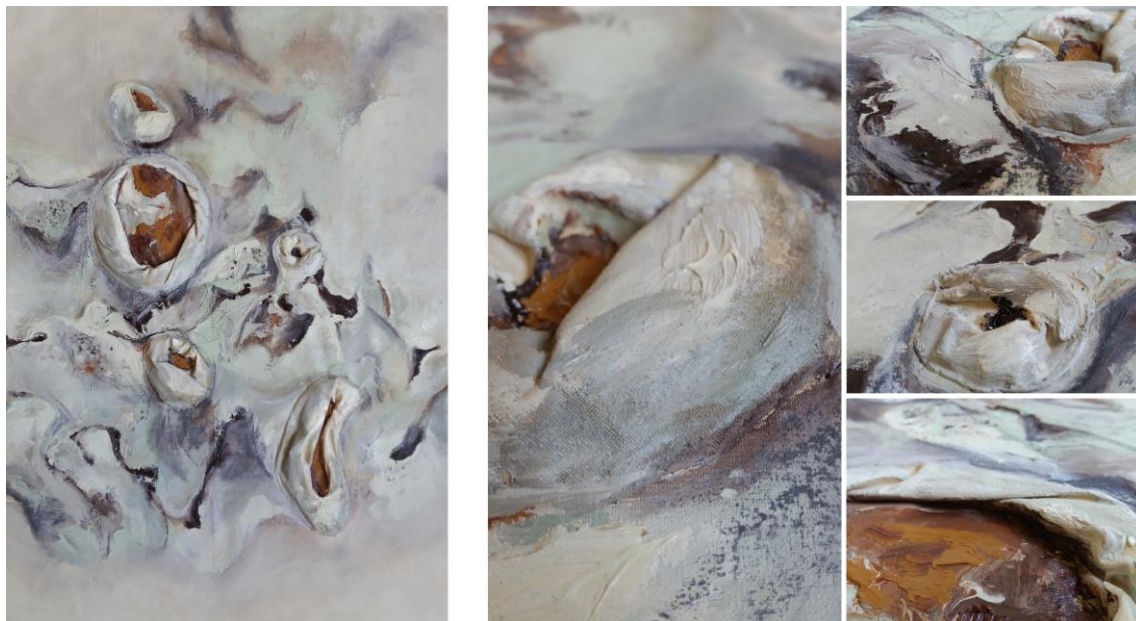
Figura 6 – Macrofotografias



Fonte: arquivo pessoal

Como em um primeiro momento as pinturas não atingiram um resultado esperado, resolvi costurar tecidos sobre o suporte, dando volume às formas, com o propósito de dar materialidade aos meus trabalhos (figura 7).

Figura 7 – Pintura realizada a partir dos tecidos costurados



Fonte: arquivo pessoal

Posteriormente, em uma das bancas avaliativas, realizadas pelo ateliê, meus colegas do 1339 me instigaram a experimentar esses volumes nos meus trabalhos de colagem (figura 8) e com outros materiais como o papel machê (figura 9).

Figuras 8 – Trabalho em colagem, com os volumes.



Fonte: arquivo pessoal

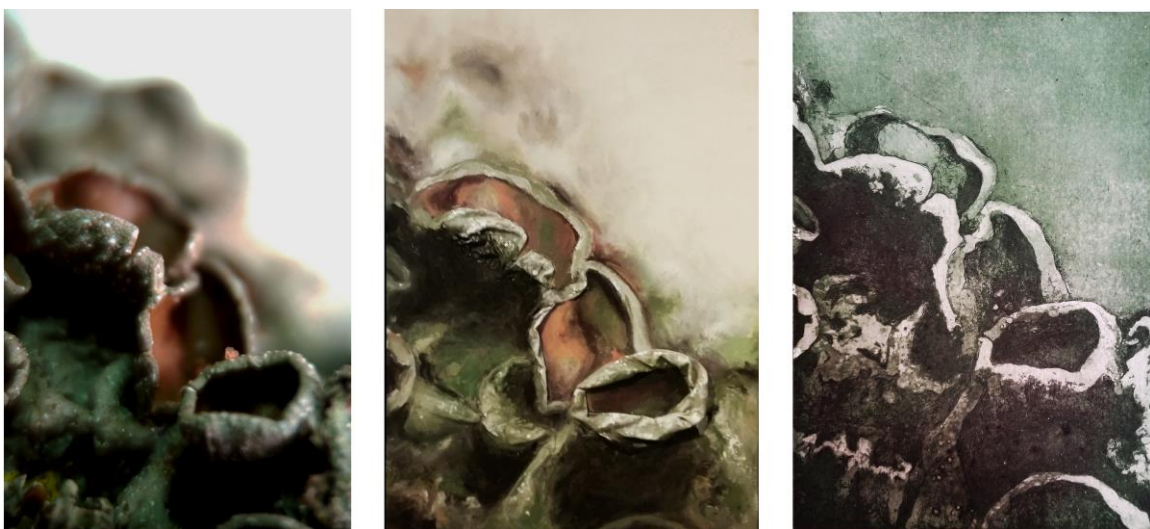
Figura 9 – Trabalhos em papel machê.



Fonte: arquivo pessoal

Os cruzamentos entre linguagens, proporcionados pelos ateliês principal e de apoio diversificaram meus trabalhos a partir da especificidade de cada técnica aprendida (figuras 10).

Figura 10 – Fotografia; pintura a óleo; gravura em metal.



Fonte: arquivo pessoal

Todos os ateliês foram fundamentais para que a pesquisa pudesse ser desenvolvida e para meu crescimento enquanto estudante de artes visuais. Essa união e intercâmbio fizeram com que ao longo do tempo minha produção se transformasse de vários modos e se tornasse um grande processo experimental de cores, suportes, materiais, formas, tamanhos, etc. Como, por exemplo, a pesquisa de livros de artista, da qual decorre do prolongamento da produção de arte impressa, a partir de gravuras e colagens junto ao Grupo de Pesquisa "A persistência do formato livro em arte". O livro se torna suporte para criação de narrativas visuais, desafiando a lógica do próprio formato do livro tradicional e transformando de maneira singular a construção da imagem (figura 11).

Figura 11 – Livros de artista.



Fonte: arquivo pessoal

Essas explorações, às vezes se tornam desafiadoras, como mudar a paleta de cores, os suportes ou as dimensões, dos quais estamos habituados. Conseqüentemente, fiz alguns trabalhos atrelando o ateliê principal e o de serigrafia em tecido, em que ampliava a escala dos trabalhos, recortando e remontando as peças e em algumas acrescentando enchimentos, criando volumes (figura 12).

Figura 12 – Serigrafia em tecido recortada e costurada no voil (tecido).



Fonte: arquivo pessoal.

Ao longo do processo, transitei por vezes entre diferentes linguagens e materiais no ateliê principal e nos ateliês de apoio. Esse percurso me permitiu experimentar várias formas de produzir arte, perceber a necessidade de projetar os elementos do trabalho além do suporte e os conectar de forma mais efetiva às questões trabalhadas. Então comecei a pensar:

- Como produzir trabalhos, nos quais haja relações parasitárias e/ou simbiótica entre obra, espaço e espectador?
- Como essas relações devem se apresentar no espaço de exposição ou fora dele?
- Como esta proposta de criação pode estar teórica e praticamente articulada com a produção contemporânea de arte?

A partir de inúmeras reflexões, encontro na instalação uma maior proximidade com a temática e as proposições almejadas na pesquisa de graduação. A instalação seria o simbiote estabelecendo uma relação benéfica com espectador, mas também é parasita porque se torna o organismo invasor daquele espaço que está inserida. Inicialmente a ideia era que a instalação fosse feita com tecidos desenhados e pendurados, criando uma composição entre eles e o espaço, inserida em um local que as pessoas pudessem circular e interagir (se assim desejassem).

Então comecei a investigar lugares nos quais a instalação poderia estar inserida, percorrendo o campus da Universidade Federal de Santa em busca desses espaços. Um dos lugares que me causou maior interesse foi o bosque, que na ocasião coloquei alguns trabalhos no ambiente, com o intuito de vislumbrar imagens do que seria a futura instalação (figura 12 e 13).

Figura 12 – Trabalho inserido no bosque



Fonte: TROMBINE, Julia.

Figura 13 – Trabalho sendo fixado em uma árvore.



Fonte: TROMBINE, Julia.

Naquele primeiro momento, investiguei materiais e maneiras de montar a instalação. Conseqüentemente, testei tecidos com transparência como o tule, voil, chiffon (figura 14).

Figura 14 – Testes com tule bordado com linha de lã e voil serigrafado.



Fonte: Arquivo pessoal.

No entanto, durante a apresentação do meu projeto de graduação, quando expus minha justificativa, contei uma história da infância na qual fico de castigo após ter desenhado nas paredes de casa e então começo a desenhar escondida debaixo dos móveis, dentro das gavetas. A banca por sua vez, me fez provocações em relação a isso, e o quanto tal ação dizia a respeito da minha pesquisa. Pois bem, isso não saiu mais da minha cabeça e me fez pensar o quanto as gavetas eram significativas para mim.

A memória nos faz retomar diversas coisas guardadas na nossa mente e nesse momento em particular retomo essas lembranças bem específicas da minha infância, quando desenhava escondida e a importância desse fato na minha produção. As gavetas hoje, em vez de guardarem o processo, o expõem, elas se tornam suporte e passam de um objeto afetivo para se tornar peça chave no desenvolvimento desse trabalho.

Quando penso o que essas gavetas significam e/ou simbolizam, me ocorre a função que estas têm e o quanto isso se relaciona com o conceito de ecologia, afinal elas são habitadas tais como os ecossistemas e também criam sistemas de interação que possibilitam a criação de relações. Começo a pensar em abrir essas gavetas e revelar as coisas guardadas, deixadas de lado, mas que foram e são essenciais para minha trajetória. Passei a consentir aproximações mais efetivas e afetivas como a pesquisa e de certa forma discutir a partir disso algumas preocupações da Ecosofia como a recuperação da subjetividade e das relações humanas e questões ambientais, com a intenção de propor relações cada vez mais simbióticas.

Logo, surge um novo desafio, como produzir uma instalação, a partir das gavetas. Então, partindo do conceito apresentado por Bachelard, que as gavetas são a casa das coisas, penso que a melhor forma de apresentá-las, é fazendo morada para minha produção. Afinal ambas já têm uma certa intimidade ou pelo menos metaforicamente (já que boa parte das minhas produções ficam guardadas embaixo da cama). A questão é que muito do que produzimos por vezes permanecem engavetados, invisível por longo tempo. Poder exibir as gavetas significa também poder expor tudo aquilo, ou pelo menos parte do que foi feito e pesquisado ao longo de quatro anos.

No primeiro momento tive que garimpar gavetas (figura 15), que poderiam ser usadas na montagem do trabalho, e começar a pensar composições a partir delas, como a produção visual estaria disposta e o local em que a instalação seria montada.

Figura 15 – As gavetas.



Fonte: arquivo pessoal.

Decidi deixar a instalação no ateliê 1339, pois foi o local onde iniciei testando as montagens. Ela surgiu ali dentro e é o contexto mais pertinente a ela, já que grande parcela da produção se deu no ateliê. Montar a instalação começou a se tornar quase um quebra cabeça, pois não bastava apenas dispor a composição das gavetas, mas também compor com os trabalhos que estão dentro delas e ainda o espaço que em que a instalação estava inserida (figura 16).

Figura 16 – Montagem.



Fonte: arquivo pessoal.

Comecei montando pequenos blocos de gavetas fazendo pilhas menores, compondo com os trabalhos, testando como isso funcionaria em diferentes posições - horizontalmente, verticalmente, de forma mais linear ou em blocos - para ter uma ideia de como iria por fim construir a instalação definitiva (figura 17, 18, 19).

Figura 17 – Bloco de gavetas.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 18 – Gavetas em montagem.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 19 – Testes de composição.



Fonte: arquivo pessoal.

Após ter montado e desmontado as gavetas inúmeras vezes a instalação começa a tomar forma e corresponder às expectativas. No final já eram mais de 25 gavetas de diversos tamanhos unidas a trabalhos produzidos durante a graduação, constituindo um grande objeto multifacetado (figura 20).

Figura 19 – Objeto/instalação.



Fonte: arquivo pessoal

A partir desse momento, percebi que a maior parte das questões que tinha levantado poderiam ser respondida por intermédio da instalação. Uma vez que as gavetas são a “casa das coisas” e ecologia “o estudo da casa”, entendo que essa instalação se tornou mais do que o suporte de objetos imóveis, mas um espaço destinado a constituir relações sejam elas “parasitárias” ou “simbióticas”, capaz de produzir um ecossistema inventado a partir do imaginário. E mais do que isso, tornou visível relações que até então seriam inimagináveis, entre memória/objeto, processo/poética e natureza/ecologia.

5 O FECHAMENTO

Durante todo o trajeto percorrido muitas coisas mudaram, se transformaram, me dando a possibilidade de pensar, fazer, refazer e ressignificar esse trabalho em diversos quesitos. Foi possível reconhecer novos direcionamentos, encontros e aproximações de coisas distintas, mas que de uma forma ou outra acabaram fazendo sentido. E o quão duro foi fazer escolhas para que essa trajetória tivesse alguma coerência e principalmente atendesse a uma necessidade pessoal de ser de fato uma pesquisa significativa.

Às vezes era difícil até verbalizar um turbilhão de ideias, que dirá escrevê-las. Mas com o tempo essas ideias foram se materializando tanto na produção quanto na escrita e tornando as coisas mais claras.

Como foi possível perceber, esse trabalho se sustenta em três forças que o compõem: a experiência e processo proporcionados pela produção em arte; a afetividade e memória a partir das gavetas; e os questionamentos em torno das nossas relações, promovidos pela ecologia.

A arte assim como a ciência provêm da mesma necessidade de explicar o mundo, e por vezes acabo transitando entre uma e outra para entender as coisas ao meu redor, construindo e reconhecendo conexões, entre *encontros* e *atravessamentos*.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBELDA José; **Arte y ecología. Aspectos caracterizadores en el contexto del diálogo arte-naturaleza**”, *Arte y ecología*, T. Raquejo y J.Mª Parreño ed., UNED, Madrid, 2015.

ANNA BELLA GEIGER - GAVETAS DE MEMÓRIAS. Disponível em <<https://www.infoartsp.com.br/agenda/anna-bella-geiger-gavetas-de-memorias/>> Acesso em: 15 outubro 2019.

Anna Bella Geiger. Disponível em <<https://www.select.art.br/12229-2/>> Acesso em: 31 outubro 2019.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CORREIA, A. B. P. (2012). **Do parasitismo à simbiose: a responsabilidade ecológica em Michel Serres.** Dissertação de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade de Porto.

Exposições, afinidades afetivas 33bienal/sp Disponível em <<http://33.bienal.org.br/pt/exposicao-coletiva-detalle/5219>> Acesso em: 16 junho 2019.

FONSECA, Maria da Penha. **A arte contemporânea: instalações artísticas e suas contribuições para um processo educativo em arte.** Vitória, 2007.

FREIRE, Cristina. **Arte Conceitual.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. São Paulo: Papyrus, 1990.

Hiroko Kono, Sculpture Works. Disponível em <<http://hirokouno.com/works2009-now/about-memories-%E2%85%A3/>> Acesso em: 15 outubro 2019.

NERY, Roseli Aparecida da Silva [Tese]. **Ecosistema inventado. Entre olhares e gestos, a casa aberta de pequenos objetos.** Porto Alegre, 2016.

Poética do espaço na arte brasileira. Disponível em <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Inaugurada-a-exposicao-i-CASA-%E2%80%93-poetica-do-espaco-na-arte-brasileira-i-no-Museu-Vale-do-Rio-Doce/12/6970>> Acesso em: 15 outubro 2019.

SERRES, Michel. **O contrato natural.** Trad. Serafim Ferreira. Éditions François

Bourin, 1990.

SILVA, Antonio Almeida; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues; ANDRADE, Guilherme Trópia Barreto. **Ecologias parasitas na arte: encontros (im)possíveis entre Deleuze e Michel Serres**. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

SILVA, Luciana Bosco; PECCININI Daisy. **Instalação**. Disponível em <<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo5/instalacao.html>

> Acesso em: 07 maio 2019.

Studio Lizan Freijsen. Disponível em <<http://lizanfreijsen.com/statement/> >

Acesso em: 16 junho 2019.